



AGROINDÚSTRIA DE LATICÍNIOS NA RMF NO CONTEXTO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E TERRITORIAL

Dairy agroindustry in the RMF in the context of productive and territorial restructuring

La agroindustria láctea en la RMF en el marco de la reestructuración productiva y territorial

 <https://doi.org/10.35701/rcgs.v27.1068>

Alexsandra Maria Vieira Muniz¹

Histórico do Artigo:

Recebido em 13 de novembro de 2024

Aceito em 29 de abril de 2025

Publicado em 08 de maio de 2025

RESUMO

Tendo como objetivo analisar a territorialização do capital agroindustrial e as transformações na Região Metropolitana de Fortaleza no contexto de reestruturação maior do capitalismo que tem como uma das facetas a reestruturação da produção e do território esta pesquisa organizou-se em torno da pesquisa bibliográfica, estatística e a investigação de campo, com a consequente sistematização e análise do material coletado. A escolha do espaço metropolitano de Fortaleza como recorte de análise decorre do seu destaque, no que se refere às metamorfoses na estrutura produtiva e territorial em curso nas últimas décadas no Estado do Ceará, reflexo das políticas públicas e privadas que criam as condições favoráveis para a reprodução ampliada do capital. Dessa forma, a abrangência temporal da análise é, sobretudo, as últimas décadas, quando se acentua a reestruturação produtiva e territorial. Os fixos espaciais ligados à atração do capital agroindustrial alimentar nos municípios que compõem a RMF nos permite concluir que está ocorrendo uma difusão deste para além de Fortaleza, reforçando a metropolização agroindustrial em curso, isto ocorre, sobretudo, por serem os municípios da RMF territórios da produção e reprodução no processo de acumulação global do capital, com impulso ao agronegócio. A expansão do capital agroindustrial propicia mudanças nos equipamentos e nos fluxos urbanos, resultando em novas formas de apreensão territorial, uma vez que o surgimento ou realocização agroindustrial influencia as relações campo-cidade, bem como o processo de metropolização, e, além de induzir a reinvenção de espaços urbanos, revela a recriação da cidade do/para o capital.

Palavras-chave: agroindústria; reestruturação produtiva; laticínios.

¹ Profa. Dra. do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: geoalexandraufc@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9607-9160>

ABSTRACT

With the aim of analyzing the territorialization of agroindustrial capital and the transformations in the Metropolitan Region of Fortaleza in the context of a major restructuring of capitalism, one of whose facets is the restructuring of production and territory, this research was organized around bibliographical and statistical research and field investigation, with the consequent systematization and analysis of the collected material. The choice of the metropolitan space of Fortaleza as the analysis scope derives from its prominence, with regard to the metamorphoses in the productive and territorial structure that have been taking place in the State of Ceará in recent decades, reflecting the public and private policies that create favorable conditions for the expanded reproduction of capital. Thus, the temporal scope of the analysis is, above all, the last decades, when productive and territorial restructuring has been accentuated. The spatial fixes linked to the attraction of agro-industrial food capital in the municipalities that make up the RMF allow us to conclude that this capital is being spread beyond Fortaleza, reinforcing the ongoing agro-industrial metropolization. This occurs, above all, because the municipalities of the RMF are territories of production and reproduction in the process of global accumulation of capital, with a boost to agribusiness. The expansion of agro-industrial capital provides changes in equipment and urban flows, resulting in new forms of territorial apprehension, since the emergence or relocation of agro-industry influences rural-urban relations, as well as the process of metropolization, and, in addition to inducing the reinvention of urban spaces, reveals the recreation of the city by/for capital.

Keywords: agro-industry; productive restructuring; dairy products.

ABSTRACT

Con el objetivo de analizar la territorialización del capital agroindustrial y las transformaciones en la Región Metropolitana de Fortaleza en el contexto de una mayor reestructuración del capitalismo, que tiene como una de sus facetas la reestructuración de la producción y del territorio, esta investigación se organizó en torno a datos bibliográficos, estadísticos y la investigación de campo, con la consecuente sistematización y análisis del material recolectado. La elección del espacio metropolitano de Fortaleza como foco de análisis surge de su protagonismo, respecto de las metamorfosis en la estructura productiva y territorial que se están produciendo en las últimas décadas en el Estado de Ceará, reflejo de políticas públicas y privadas que crean políticas favorables. condiciones para la reproducción ampliada del capital. Así, el alcance temporal del análisis es, sobre todo, las últimas décadas, cuando la reestructuración productiva y territorial se acentuó. Las correcciones espaciales vinculadas a la atracción de capital agroindustrial alimentario en los municipios que integran la RMF permiten concluir que hay una difusión de este capital más allá de Fortaleza, reforzando la metropolización agroindustrial en curso, esto ocurre, sobre todo, porque los municipios de la RMF son territorios de producción y reproducción en el proceso de acumulación global de capital, con impulso al agronegocio. La expansión del capital agroindustrial conduce a cambios en los equipamientos y flujos urbanos, resultando en nuevas formas de aprehensión territorial, ya que el surgimiento o deslocalización agroindustrial influye en las relaciones campo-ciudad, así como en el proceso de metropolización, y, además hasta inducir la reinención de los espacios urbanos, revela la recreación de la ciudad por/para la capital.

Palabras clave: agroindustria; reestructuración productiva; lácteos.

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de uma pesquisa maior intitulada de Difusão do Agronegócio Globalizado na Região Metropolitana de Fortaleza (CE): impactos econômicos, sociais e

territoriais, apoiado pelo Edital Mulheres na Ciência da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), sendo a agroindústria um de seus eixos.

O objetivo maior deste estudo é analisar a territorialização do capital da agroindústria de laticínios e as transformações na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) no contexto de reestruturação maior do capitalismo que tem como uma das facetas a reestruturação da produção e do território.

Assim, esta pesquisa constitui a análise de uma das dimensões das mudanças implementadas dentro do paradigma de produção flexível, característico da atual fase do capitalismo, notadamente no que tange às questões atinentes ao capital agroindustrial com a reestruturação produtiva e territorial em curso, delineando as principais alterações que ocorrem no espaço metropolitano de Fortaleza.

A escolha do espaço metropolitano de Fortaleza como recorte espacial de análise decorre do seu destaque, no que se refere às metamorfoses na estrutura produtiva e territorial em curso nas últimas décadas no Estado do Ceará, reflexo das políticas públicas e privadas que criam as condições favoráveis para a reprodução ampliada do capital.

Partindo do pressuposto que a reestruturação produtiva ocasiona um reordenamento nas forças produtivas, nas relações de trabalho e, notadamente, no espaço, entendemos por reestruturação produtiva tanto as mudanças de ordem técnico-econômicas quanto as socioinstitucionais que ocorrem em um determinado espaço.

É na indústria onde a reestruturação ocorre de modo mais intenso, dentre outras coisas, por via dos novos padrões da gestão/organização do trabalho, que assume importância decisiva na flexibilização das relações de trabalho com impactos socioeconômicos e espaciais.

No Brasil, somente na segunda metade dos anos 1980, evidenciam-se timidamente um novo paradigma tecnológico e produtivo e uma nova organização do trabalho e do espaço. Benko (1999) ressalta que, “desde os anos 80 – observam-se os primeiros sinais do advento de novo período de desenvolvimento do capitalismo”. Isto acelerou-se desde os anos 1990, sob o impulso das políticas neoliberais.

Neste contexto, a reestruturação produtiva acelerou-se rapidamente desde os anos 1990, quando ocorreu a abertura da economia no processo de acumulação mundial capitalista.

Neste percurso, ocorreu a transnacionalização do sistema capitalista de produção e um novo momento do processo de acumulação mundial entrou em vigor sob a predominância do capital financeiro.

Entrou em cena o paradigma de acumulação capitalista contemporâneo, denominado por Harvey (1993, p. 140) de “acumulação flexível, por opor-se diretamente à rigidez fordista e apoiar-se na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo...”

Dessa forma, a abrangência temporal da análise é, sobretudo, as duas últimas décadas, quando se impulsiona a reestruturação produtiva e espacial.

Destacamos algumas questões que nortearam a realização desta pesquisa, quais sejam: Qual a importância da agroindústria alimentar na economia metropolitana de Fortaleza, segundo o porte, os espaços produtivos e de circulação da produção, o número de estabelecimentos e empregos? A metropolização agroindustrial é um dos reflexos da reestruturação econômica resultando na desconcentração produtiva e espacial (LENCIONI, 1998)? A capital exerce qual papel quanto a produção, gestão e difusão do capital agroindustrial alimentar?

Para tanto, a metodologia organizou-se em torno de três eixos principais, a saber: pesquisa bibliográfica sobre a temática em análise, busca estatística com a consequente seleção de variáveis, tais como estabelecimentos e empregos segundo grupos e classes da agroindústria.

Na organização dos dados estatísticos trabalhamos com o comparativo de séries anuais da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) no intervalo de 5 anos para o Grupo e Classe dos Laticínios, além dos dados da produção de leite de 2004 a 2020. Ademais, tivemos a pesquisa de campo na agroindústria Maranguape laticínios, com a consequente sistematização e análise do material coletado.

Organizamos o texto após esta introdução, nos subtópicos 2. Agroindústria de Laticínios na RMF, seguido do estudo de caso 3. Maranguape Laticínios, além das Considerações Finais.

AGROINDÚSTRIA DE LATICÍNIOS NA RMF

A agroindústria cearense e metropolitana em particular na busca de inserção na produção e consumo globalizados passa por transformações na estrutura econômica e territorial frente às exigências do neoliberalismo, da produção flexível com a consequente difusão do agronegócio globalizado. Dentre as características deste agronegócio temos a interdependência entre vários setores econômicos, que incluem a agropecuária, a produção industrial, e aqui nos voltamos para a indústria que transforma a produção agropecuária, especificamente ligada ao setor de laticínios.

Por entendermos ser a reestruturação produtiva imprescindível para a compreensão da agroindústria alimentar e em particular a de laticínios, é necessário ratificar que em linhas gerais, a reestruturação econômica, calcada na produção flexível, propiciou uma reorganização do processo da gestão da produção e da força de trabalho, com outras práticas gerenciais, uma nova lógica de produção de mercadorias, o desenvolvimento de novas tecnologias e a descentralização produtiva, com a terceirização ou as realocações industriais. Isto ocasionou o fechamento de indústrias e abertura de outras; a modificação de regras institucionais trabalhistas; as mudanças de hábito no consumo; as alterações nos padrões de concorrência intercapitalista etc.

Com a reestruturação, modificam-se as condições técnicas, jurídico-políticas e sociais, as formas de organização do trabalho e do processo de produção. Isso implicou também transformações nas relações entre capital e trabalho, com a instauração de novas legislações trabalhistas de cunho flexível, adaptando-as às necessidades do capital.

Ocorrem inovações tecnológicas na produção, cuja expressão é a nanoeletrônica, “a automação, a robótica, a informática e as redes que aceleram e multiplicam a capacidade produtiva da força de trabalho”. (IANNI, 1997, p.157). *Pari Passu* às inovações, são implementadas novas políticas de gestão da produção e de organização do trabalho, um conjunto de técnicas que se alastrou pelos países capitalistas centrais e periféricos, reestruturando o processo produtivo dos diversos setores econômicos, com o escopo de propiciar elevado patamar de qualidade e competitividade.

Observam-se, juntamente com as inovações tecnológicas, a introdução de procedimentos organizacionais globais (kaban, just in time); uma série de racionalizações da produção (downsizing e a reengenharia), melhor controle da qualidade do produto e maior produtividade com a introdução de programas de qualidade total que possibilitam o gerenciamento do trabalho via círculos de controle de qualidade e gestão participativa que permitem uma maior economia de espaço, tempo de produção, maior controle de qualidade do produto e, conseqüentemente, maior produtividade.

Com a disputa por novos mercados e a competição em escala global, que passam a exigir do setor produtivo a adoção de medidas criativas e restauradoras de sua capacidade produtiva e competitiva, além de estimular os investimentos para a criação de novos produtos, o trabalho, assim como a sociedade, se vêem perpassados por uma intensa e progressiva racionalização que se assenta na reestruturação das técnicas produtivas e gerenciais.

Além das transformações nas relações de trabalho e no processo produtivo em geral, os grandes avanços científico-tecnológicos e a espetacular expansão das redes de comunicação e

transporte foram condição sine qua non para a reestruturação produtiva e territorial em curso, uma vez que permitiu a dispersão mundial da produção e a criação de “espaços inteligentes”, onde a lógica capitalista possa fluir. Em outras palavras, está havendo, uma transnacionalização que alcança territórios até agora não penetrados pelo capital (SANTOS, 1996).

Desse modo, o avanço das técnicas e da globalização possibilitaram uma maior capacidade produtiva, devido à introdução de maquinários, e a espacialização difusa de etapas da produção, o que colaborou com o fenômeno de descentralização industrial.

Conforme Muniz (2019) são muitos os processos associados à reestruturação produtiva agroindustrial e suas consequências. Citamos aqui aqueles que mais diretamente estão relacionados a nossa pesquisa:

- Crescente racionalização do processo de trabalho;
- Redução do tempo de produção;
- Aumento da produtividade do trabalho;
- Aumento do desemprego para os trabalhadores de baixo nível técnico e educacional;
- Aumento da intensidade e do ritmo da jornada de trabalho;
- Intensa exploração (direta e indireta) da força de trabalho;
- Ampliação da divisão social e espacial do trabalho;
- Maior inserção das mulheres, jovens e de trabalhadores das faixas etárias mais elevadas no mercado de trabalho;
- Contraditoriamente como intrínseco ao capital, há permanência da demanda por força de trabalho não qualificada ou semiquificada em determinados ramos produtivos, inclusive com trabalhos repetitivos;
- Dualismo do mercado de trabalho (maior “qualificação”, escolarização e maiores salários & empregos instáveis - precários, temporários, “desqualificados” e com salários inferiores);
- Cooperação, trabalho em equipe, polivalência e multifuncionalidade;
- Maior mobilidade da força de trabalho;
- Crescimento da terceirização;
- À divisão social do trabalho fundamentada nas diferenças de sexo, idade e na força física soma-se a busca pela redução da hierarquia entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, eliminação dos escalões de comando intermediários, especificamente nos pontos de contato com a produção;
- Horizontalização da produção, com espaço à terceirização;
- Na área operacional, os encargos de supervisão e mestria são delegados aos trabalhadores organizados em células com fluxos dependentes de produtos e serviços;

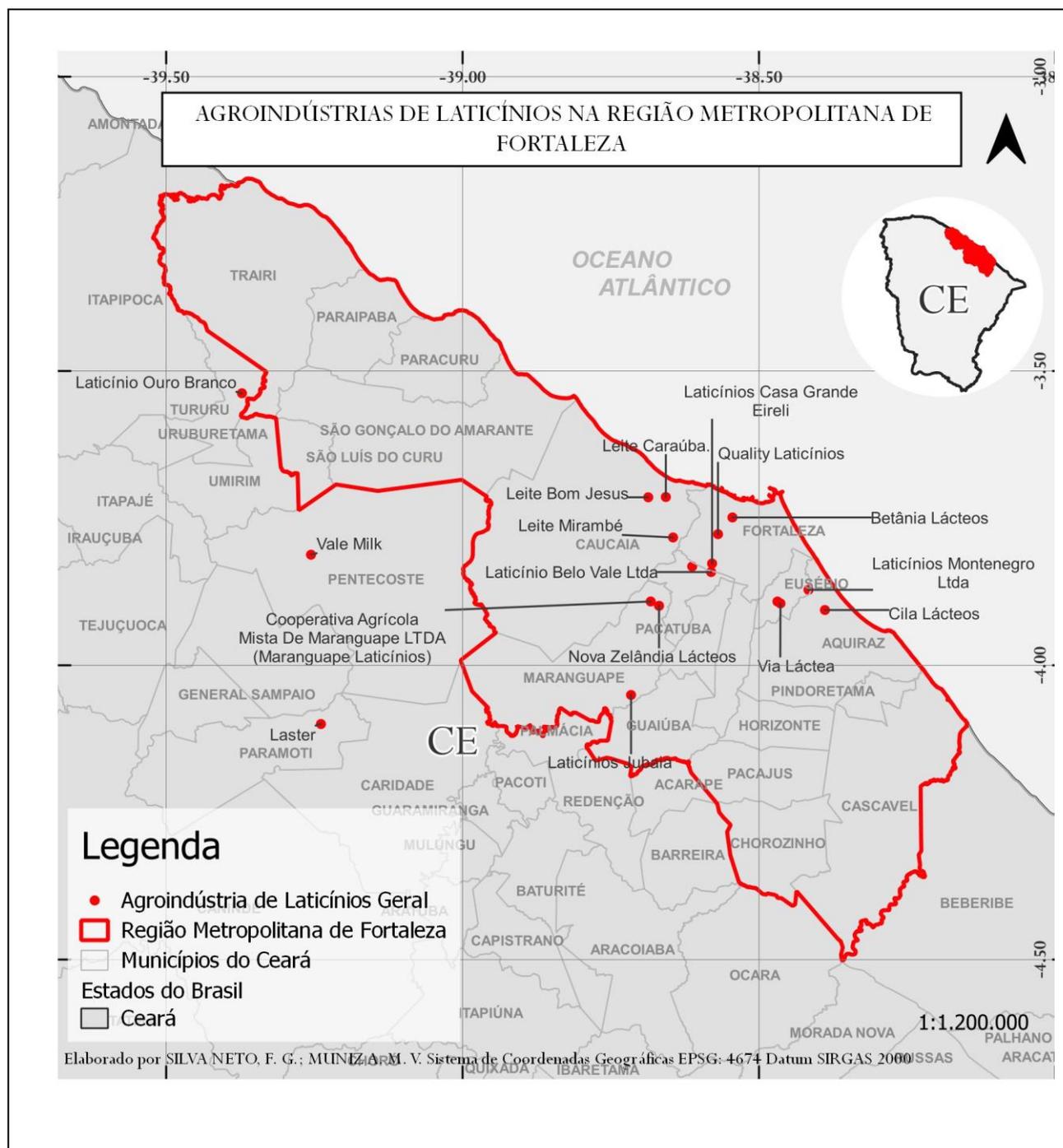
- Flexibilização das relações de produção que obedece a demanda do mercado;
- A aplicação de novas ferramentas de gestão correspondente à reestruturação da administração empresarial;
- A incorporação de tecnologia baseada na informática, elevando a velocidade da produção com aumento da produtividade;
- A robotização e o conseqüente desemprego estrutural também são práticas crescentes;

Ocorrem também a redução do tempo de preparação e transporte dos insumos, além do reaproveitamento dos resíduos, a ênfase na qualidade do produto, a busca de certificações ISO, de matéria-prima a baixo custo e agregação de valor ao produto final, sendo que a redução de custos e investimento em pesquisa e inovação são condição indispensável diante da crescente competitividade.

A agroindústria de laticínios e a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF)² não passam incólume à reestruturação produtiva e territorial em curso. Na RMF, pode ser visualizado pela figura abaixo a territorialização da agroindústria de Laticínios.

² Criada pela Lei Complementar Federal nº 14, de 8 de junho de 1973, inicialmente formada por apenas 5 municípios, quais sejam, Fortaleza, Caucaia, Maranguape, Pacatuba e Aquiraz, atualmente é composta por 19 municípios: Aquiraz, Cascavel, Caucaia, Chorozinho, Eusébio, Fortaleza, Guaiúba, Horizonte, Itaitinga, Maracanaú, Maranguape, Pacajus, Pacatuba, Pindoretama, São Gonçalo do Amarante, São Luís do Curu, Paraipaba, Paracuru e Trairi.

Figura 1: Territorialização das Agroindústrias de Laticínios na RMF.



Fonte: FIEC; ECONODATA. Elaboração do mapa: SILVA NETO, F.G.; MUNIZ, A.M.V.,2023.

Pela análise do mapa na figura 1, é perceptível a existência de número considerável de agroindústrias de Laticínios na RMF, sendo as de maior representatividade, a Maranguape Laticínios em Maranguape e a Betânia Lácteos que tem Fortaleza como um dos territórios do escoamento da produção, sendo a sede administrativa.

Dada a representatividade da RMF no grupo laticínios, necessária é a análise quanto ao número de estabelecimentos e vínculos, conforme tabelas 1 e 2.

Tabela 1: Estabelecimentos CNAE 2.0 - Nível Grupo Laticínios em 2007, 2012, 2017, 2021.

	Laticínios 2007	Laticínios 2012	Laticínios 2017	Laticínios 2021
Ceará	149	185	186	194
Região Metropolitana de Fortaleza	72	93	95	93
AQUIRAZ	0	3	2	2
CASCADEL	2	2	2	2
CAUCAIA	4	9	12	11
CHOROZINHO	0	0	0	1
EUSEBIO	4	3	4	6
FORTALEZA	51	62	53	56
GUAIUBA	1	0	1	0
HORIZONTE	0	0	1	0
ITAITINGA	0	0	0	0
MARACANAU	3	6	11	7
MARANGUAPE	2	2	2	3
PACAJUS	1	2	2	1
PACATUBA	0	0	0	0
PARACURU	1	1	1	1
PARAIPABA	1	1	1	1
PINDORETAMA	0	0	0	0
SAO GONCALO DO AMARANTE	0	0	0	0
SAO LUIS DO CURU	2	2	2	2
TRAIRI	0	0	1	0

Fonte: RAIS, 2022.

Analisando a série temporal dos dados de 2007 a 2021 (últimos dados disponíveis RAIS), é perceptível a representatividade da agroindústria de laticínios na RMF perante o Estado, chegando no ano de 2017 a 51,1% do total de estabelecimentos do Ceará, com destaque para Fortaleza que no ano de 2021 detinha 28,87% dos estabelecimentos de laticínios.

Esta representatividade é notória também quando analisamos os vínculos empregatícios no setor de laticínios, pois o quantitativo de empregos é maior na RMF, com destaque para Fortaleza, Maracanaú e Maranguape. Ressalta-se que em Fortaleza tem uma unidade da Betânia, em Maracanaú tinha a Danone que fechou em 2020 e Maranguape tem grande representatividade na agroindústria de laticínios, com a Maranguape Laticínios.

Tabela 2: Vínculos CNAE 2.0 - Nível Grupo Laticínios em 2007, 2012, 2017, 2021.

	Laticínios 2007	Laticínios 2012	Laticínios 2017	Laticínios 2021
Ceará	1648	2530	2469	2918
Região Metropolitana de Fortaleza	1016	1751	1462	1623
AQUIRAZ	0	15	9	7
CASCADEL	1	4	5	4
CAUCAIA	70	73	104	140
CHOROZINHO	0	0	0	1
EUSEBIO	99	97	123	149
FORTALEZA	573	920	412	506
GUAIUBA	1	0	4	0
HORIZONTE	0	0	1	0
ITAITINGA	0	0	0	0
MARACANAÚ	7	270	392	380
MARANGUAPE	219	323	340	357
PACAJUS	2	3	9	13
PACATUBA	0	0	0	0
PARACURU	16	31	53	55

PARAIPABA	1	5	2	1
PINDORETAMA	0	0	0	0
SAO GONCALO DO AMARANTE	0	0	0	0
SAO LUIS DO CURU	27	10	7	10
TRAIRI	0	0	1	0

Fonte: RAIS, 2022.

Na classificação da Cnae, a agroindústria do Grupo de laticínios, tem como classes: preparação do leite, fabricação de produtos de laticínios, fabricação de sorvetes. (vide Tabela 3)

Tabela 3: Vínculos CNAE 2.0 - Nível Classe Laticínios 2021.

	Preparação do Leite 2021	Fabricação de Laticínios 2021	Fabricação de Sorvetes e Outros Gelados Comestíveis 2021
Ceará	8	63	123
Região Metropolitana de Fortaleza	4	18	71
AQUIRAZ	0	1	1
CASCADEL	0	0	2
CAUCAIA	2	2	7
CHOROZINHO	0	0	1
EUSEBIO	2	3	1
FORTALEZA	0	5	51
GUAIBUA	0	0	0
HORIZONTE	0	0	0
ITAITINGA	0	0	0
MARACANAU	0	1	6
MARANGUAPE	0	2	1
PACAJUS	0	0	1
PACATUBA	0	0	0
PARACURU	0	1	0
PARAIPABA	0	1	0

PINDORETAMA	0	0	0
SAO GONCALO DO AMARANTE	0	0	0
SAO LUIS DO CURU	0	2	0
TRAIRI	0	0	0

Fonte: RAIS, 2022.

Conforme tabela 3, na preparação do Leite tem-se na RMF a preponderância de Caucaia e Eusébio com 25%, já na fabricação de laticínios destaca-se Fortaleza com 7,94%, como também na Fabricação de Sorvetes e Outros Gelados Comestíveis, com 41,46%.

Segundo Elias (2020, p.17):

Apesar de todos os investimentos públicos realizados visando atrair investimentos produtivos para o Ceará, que caracterizam o estado como um dos que mais realizou a guerra fiscal nos anos 1990 e 2000, as grandes empresas que se destacam no ramo agroindustrial alimentar são, em grande parte, empresas que já existiam.

Nesse contexto tem-se como exemplos das agroindústrias alimentares do ramo de laticínios de maior porte no Estado e RMF, a Betânia lácteos e a Maranguape Laticínios, respectivamente, devido aos limites deste artigo, nos ateremos ao exemplo da Maranguape Laticínios, no município de Maranguape.

MARANGUAPE E A PRODUÇÃO DE LEITE

No Censo Demográfico do IBGE (2010), a população de Maranguape era de 113.561 pessoas, com uma densidade demográfica de 192,19 habitantes/km², considerada baixa, se comparada com a de Fortaleza, que ultrapassa os sete mil hab/km².

Aproximadamente 75% da população do município residem na zona urbana, e 25% na zona rural. Esses números evidenciam também a ocorrência do êxodo rural ao longo dos anos, uma vez que até 1970, Maranguape era predominantemente rural, com 60% de sua população morando no campo.

O município de Maranguape, conforme o IBGE (2022), tem 105.093 habitantes, mesmo apresentando redução no quantitativo populacional quando comparado ao censo de 2010, possui a quarta maior população da RMF, atrás de Fortaleza (2.428.678), Caucaia (355.679) e Maracanaú com 234.392 habitantes.

A economia maranguapense era baseada na agropecuária, mas, segundo dados do censo do IBGE (2022), isso mudou para os seguintes setores: serviços, indústria e agroindústria. Atualmente, o município apresenta uma realidade mais parecida com o padrão encontrado nas regiões metropolitanas do Brasil, onde o setor industrial tem peso relevante na organização espacial metropolitana.

O setor industrial em Maranguape tem proporcionado ao município um expressivo crescimento e complexidade das dinâmicas espaciais, sociais e econômicas. Essa realidade tem sido vislumbrada em razão da organização de novos fluxos e espacialidades que o município tem provocado no contexto industrial do estado do Ceará e, notadamente, da região metropolitana de Fortaleza.

O município não deixou de ser atravessado pelas novas formas de produção e consumo intensificadas pelo contexto de reestruturação produtiva. Quanto a essa situação, é imprescindível pontuar os fatores e incentivos locais de atração de indústrias para outros espaços do território nacional, que segundo Muniz (2019, p. 9):

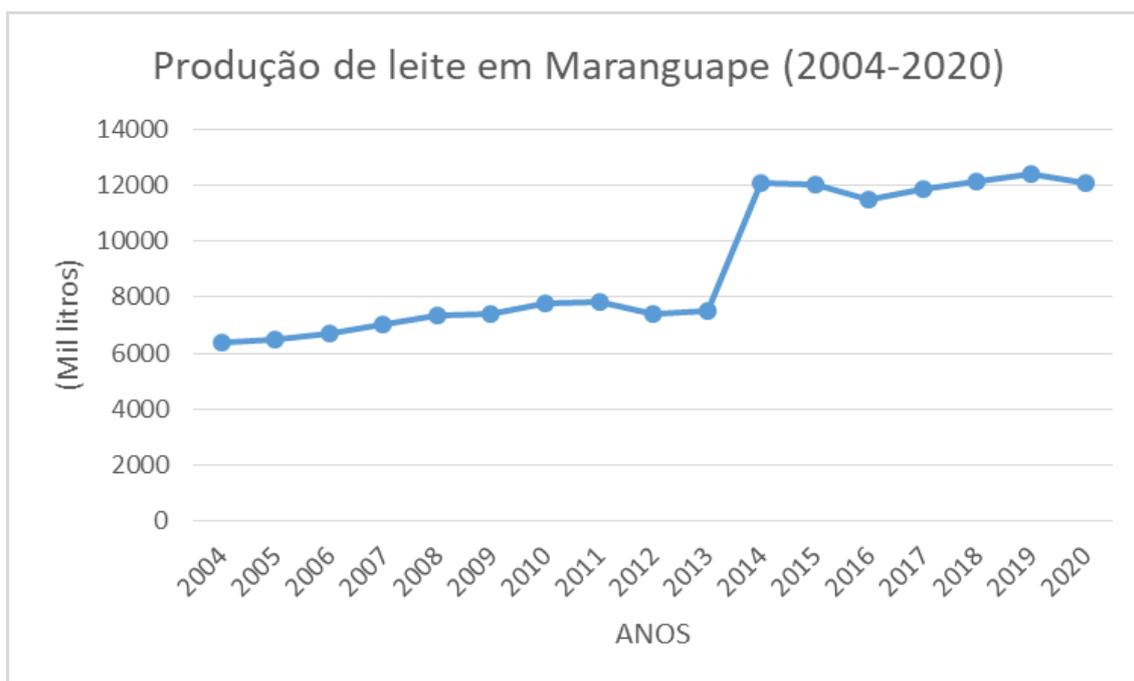
Esta forma de atuação do Estado brasileiro teve grande impacto na economia nacional e em particular no setor industrial, que passou por significativas mudanças associadas à implantação de indústrias atraídas por incentivos estaduais e regionais, à modernização dos equipamentos, além da introdução de técnicas mais modernas de organização e gerenciamento da produção.

As principais empresas de Maranguape são as fabricantes de calçados, vestuário, eletrodomésticos, bebidas destiladas e derivados lácteos.

Na atualidade, o setor da agroindústria maranguapense conta com duas grandes indústrias lácteas: a Maranguape Laticínios e a Nova Zelândia Lácteos – Sabor e Vida. Esse fator tem contribuído para que a produção leiteira avance no cenário regional.

Com base nos dados do IBGE em relação à quantidade de leite produzido em Maranguape entre os anos de 2004 a 2020, nota-se que, nos primeiros oito anos, a produção manteve um ritmo de crescimento pouco expressivo e, após apresentar uma queda em 2012, que basicamente se manteve em 2013, o volume de leite produzido no ano seguinte aumentou 61,2%, passando de 7,499 mil litros para 12,090 mil litros.

Depois desse salto em 2014, observa-se uma diminuição um pouco mais significativa no valor referente a 2016, mas que foi se recuperando nos anos seguintes, onde de 2018 a 2020, mesmo com variações, a produção se manteve na faixa dos 12 mil litros de leite (Gráfico da figura 2).

Figura 2: Gráfico – Produção de leite em Maranguape de 2004 a 2020.

Fonte: IBGE (2021).

No ano de 2020, Maranguape apresentou um rebanho efetivo de 17.477 cabeças, dentre elas, 7.278 são de vacas ordenhadas. Segundo o IBGE (2021), a quantidade produzida de leite foi de 12.110 mil litros, gerando um valor de produção em torno de 23 mil reais. Neste ano, o município ficou na décima sexta colocação no ranking dos maiores produtores de leite do Ceará.

Este é mais um fator de atração na existência de agroindústrias de Laticínios para o município. Mendes (2006) já afirmava quanto a agroindústria Leite Maranguape, cuja marca atual é Maranguape Laticínios que “ um fato a ressaltar é que no início de sua instalação a matéria-prima utilizada tinha origem no próprio município. Com a queda da produção local, a maior parte do leite utilizado pela fábrica provém do Sertão Central”.

MARANGUAPE LATICÍNIOS

A Maranguape Laticínios surgiu sob a forma de Cooperativa em 1959, quando um grupo de 120 (cento e vinte) produtores de leite de Maranguape uniram suas forças de produção, almejando maior estabilidade econômica e social ao produtor rural do município. Nesse período a

Leite Maranguape trabalhava com o beneficiamento de algodão, além de atuar como uma cooperativa avícola e de crédito. (MARANGUAPE LATICÍNIOS, 2023) ³

Pioneira no processo de pasteurização de leite no estado do Ceará, foi inaugurada em 1964 a primeira usina de pasteurização do leite, no Centro de Maranguape, com a razão social: Cooperativa Agrícola Mista de Maranguape LTDA, sendo classificada como uma empresa de categoria privada de médio porte.

Atualmente, tendo Wilson Rodrigues Filho na presidência da administração, esta agroindústria se apresenta com a missão de “Oferecer alimentos nutritivos e de alta qualidade consolidados na tradição, credibilidade e inovação, promovendo a satisfação dos clientes, colaboradores e cooperados para a geração de resultados superiores para o negócio”, visando se tornar até o ano de 2026 a marca de laticínios mais bem avaliada do Estado do Ceará. (MARANGUAPE LATICÍNIOS, 2023).

Com a visita à Maranguape Laticínios no ano de 2023 foi possível verificar a relevância da mesma para economia de Maranguape, processando 70 mil litros de leite por dia, com funcionamento contínuo em três turnos, possui um total de 300 colaboradores, com escala de trabalho de 6 dias de trabalho por semana com folga no domingo e intervalo para almoço (11:30 - 13:00) com serviço da empresa terceirizada - Sabor da Graça. A terceirização é cada vez mais frequente. Para Druck (1995), a subcontratação permite ao empregador custo inferior ao de um trabalhador regular e o estabelecimento de vínculos empregatícios com outras empresas - geralmente as empresas maiores transferem responsabilidades e riscos para as menores (DRUCK, 1995).

Ademais os impactos da presença de uma agroindústria no município também são perceptíveis não só com as transformações espaciais a partir da alocação do fixo, como também dos fluxos decorrentes seja relacionado a aquisição da matéria prima para agregação de valor, seja ligado ao processo produtivo em si ou no que se refere ao escoamento da produção e a demanda por mão de obra, como também as terceirizações.

Isso, só ratifica a rede de influência regional ligada aos circuitos espaciais de produção já que a agroindústria Maranguape Laticínios tem Iguatu e Quixeramobim como postos de coleta do leite⁴, o que evidencia ainda o fortalecimento de relações entre o campo e a cidade, em que

³ (<https://maranguapelaticinios.com.br/index.php/institucional>)

⁴ Alguns segmentos da agropecuária se encontram monopolizados pelo capital agroindustrial, como ocorre com a avicultura, a pecuária leiteira, a produção de coco, de castanha de caju (ELIAS, 2020, p. 8) “ hoje o leite produzido no Brasil é um dos produtos de origem animal monopolizado pelo capital agroindustrial, ou seja, no qual há forte sujeição dos produtores aos interesses do capital industrial. (ELIAS, 2020, p. 19)

as condições de logística são essenciais. Ressaltamos ainda que esta agroindústria possui transporte próprio para destino da produção ao mercado consumidor e tem ligações também com outras empresas, como a Plaszom que fornece as embalagens.

Os principais produtos com a marca da agroindústria Maranguape laticínios são manteiga, requeijão, leite UHT, leite pasteurizado, queijo, doce de leite, bebida láctea e iogurte.

Com contínua agregação de valor ao produto final, a produção da Maranguape Laticínios é realizada por demanda e seus produtos não possuem Certificação ISO (Organização Internacional de Normalização).

Para a busca da qualidade dos seus produtos a Leite Maranguape possui como pilar a segurança alimentar e a Garantia da Qualidade por meio da sistematização do método “Clean-in-Place System (CIP)”, que é um método automatizado de limpeza das superfícies interiores de tubos, vasos, equipamentos, filtros e acessórios associados, sem grande desmontagem.

Os compradores/distribuidores dos produtos desta agroindústria vão desde pequenos estabelecimentos – comércio local – até as grandes redes de comercialização – atacadões e atacarejos.

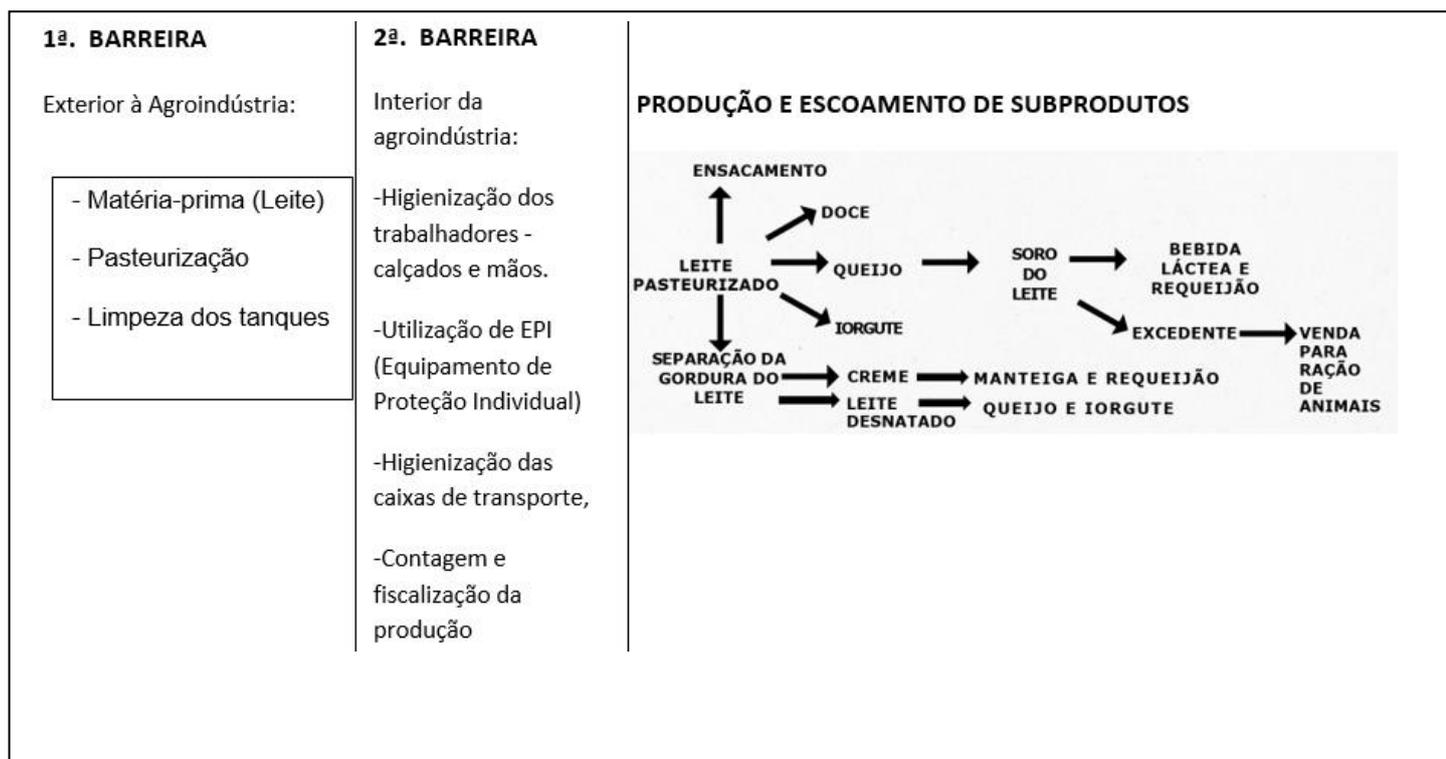
O leite pasteurizado integral, que demanda uma dinâmica mais rápida de circulação e consumo (validade de até 5 dias a partir da data de fabricação), é comercializado na região mais próxima da agroindústria, sendo encontrado nos municípios de: Maranguape, Caucaia, Fortaleza e Maracanaú. Já os produtos derivados do leite são distribuídos pela RMF e por outros municípios do Estado, como: Morada Nova e Juazeiro do Norte.

A Maranguape Laticínios apresenta um processo produtivo calcado na reestruturação capitalista, o que propicia a adoção do modelo flexível de produção.

A produção na Maranguape Laticínios apresenta forte mecanização com o auxílio de maquinários direcionados para etapas específicas da produção, esteiras de locomoção de produtos e uma câmara fria de estocagem e escoamento

As etapas do processo produtivo na Maranguape Laticínios se estendem desde a captação e chegada da matéria prima, o processamento e a venda do leite e seus derivados para os demais municípios da Região Metropolitana de Fortaleza. Assim, o processo produtivo da Maranguape Laticínios é dividido em etapas de higienização da matéria prima, barreiras sanitárias e produção efetiva. (vide Figura 3).

Figura 3: Etapas da produção na Maranguape laticínios.



Fonte: Acervo da Autora, 2023.

Inicialmente, ocorre a coleta da matéria prima (leite) tanto de produtores locais do município de Maranguape quanto de outros municípios do Estado do Ceará como Quixeramobim e Iguatu (principais pontos de coleta), o que possibilita o processamento de em média 70 mil litros de leite por dia. Posteriormente, acontece a transferência do leite contido nos caminhões tanques para os reservatórios da Agroindústria, onde terá início a produção.

A primeira etapa da produção corresponde a primeira barreira sanitária, ainda na parte externa da indústria, onde ocorre a higienização tanto dos reservatórios de armazenamento e transporte e, assim como, da matéria prima. A limpeza desses reservatórios é realizada a partir de uma solução de água, soda cáustica e sanitizantes em concentrações adequadas (menos de 0,6%) que não oferecem danos à saúde humana, mas realizam uma efetiva limpeza de possíveis resíduos nos tanques. Já a higienização do leite é realizada a partir do processo de pasteurização que consiste no aquecimento do leite a uma temperatura de 75°C durante um intervalo de 15 a 20 segundos e logo em seguida sofre um processo de resfriamento de 2°C a 4°C em 10 segundos com o objetivo de eliminar bactérias e contaminantes e controle microbiológico do leite. Em seguida, o leite pasteurizado segue por tubulações sem contato humano até os maquinários específicos de cada produto.

A Segunda Barreira Sanitária consiste na higienização de funcionários e na prevenção de possíveis contaminações externas às etapas da produção. Desse modo, ao adentrar na agroindústria os funcionários passam por uma etapa de higienização de pés e mãos e a utilização de equipamentos de proteção individual como bata higiênica, toucas e galochas.

Quanto a etapa de Produção Efetiva o leite pasteurizado torna-se tanto já um produto finalizado quanto a matéria prima dos demais que dele derivam. Após a pasteurização parte do leite é dividido na produção de doce, queijo, iogurte e extração de gordura. A produção do doce é realizada, de acordo com informações do colaborador, a partir da homogeneização do leite com o açúcar em elevada temperatura. A produção do queijo é realizada a partir do aquecimento e introdução de enzimas que estimulam o processo de coagulação do leite, o que possibilita a separação da massa (parte sólida) do soro do leite.

São necessários dez mil litros de leite para fabricar 1000 Kg de queijo. Já a produção de iogurte ocorre a partir da fermentação do leite e a homogeneização de sabores frutíferos através da polpa da fruta. Por fim, a última utilização do leite pasteurizado é referente a separação da gordura do leite (Creme) para a produção de requeijão e manteiga, restando nesse processo o leite desnatado e/ou semidesnatado, sem ou com baixo teor de gordura.

Além das etapas citadas acima, a partir do soro do leite é estabelecida uma subcadeia produtiva, com o objetivo de reaproveitar o referido derivado. Dessa forma, constitui-se a produção de requeijão e bebida láctea. Além disso, o excedente produtivo do soro do leite é reaproveitado, a Cooperativa vende esse excedente para a produção de ração de animais. Na produção de requeijão é utilizada a mistura do soro do leite e o creme da gordura do leite. A produção de bebida láctea é baseada na mistura do soro do leite, leite com teor de gordura específico, a incorporação e homogeneização do sabor proveniente do preparo de frutas e estabilizantes.

A Maranguape Laticínios também possui em sua linha de produtos o Leite UHT, porém sua produção não é realizada na sede da indústria. O Leite UHT Maranguape é fruto do processo de terceirização de serviços, sua produção é realizada pela Betânia Lácteos, já que a referida agroindústria é a única que possui o maquinário necessário para a produção desse tipo de leite. O Leite UHT (Ultra High Temperature, traduzido, Temperatura Ultra Alta), popularmente conhecido como Leite de Caixa, possui seu processo produtivo semelhante ao de pasteurização, a diferença está na maior temperatura (cerca de 135 °C) a qual o leite é submetido e a adição de estabilizantes para que o produto não se estrague no processo e atinja períodos mais longos de validade e frescor.

O processo de escoamento da produção é realizado diariamente, visto que a produção é realizada por demanda e por se tratar de produtos lácteos, principalmente o leite pasteurizado que possui validade apenas de cinco dias, e conta com o auxílio/disponibilidade de 30 caminhões, contabilizando os tanques responsáveis pela coleta de matéria prima e os de transporte de produtos.

A Maranguape Laticínios possui toda a sua estrutura produtiva influenciada pelas modificações do Modelo Flexível, visto que uma das características deste é a diversificação da produção a partir do reaproveitamento de todos os componentes possíveis da matéria prima, bem como o atendimento da demanda de acordo com o mercado consumidor, evitando estoque de mercadoria, até devido a especificidade do produto a ser consumido.

Esta é outra característica do processo de reestruturação nas agroindústrias, pois ao contrário do fordismo que “fundamentou-se em uma produção industrial estandardizada, apoiada num consumo de massa com a ajuda de forte intervenção do Estado visando regular a demanda efetiva em virtude do crescimento da produção” (BENKO, 1996, p.28), a quantidade a ser produzida segue a quantidade de pedidos já acertados, seguindo o modelo de acumulação flexível (HARVEY, 1993). O Modelo Flexível permite tanto uma maior adaptabilidade às demandas do mercado consumidor, quanto gera uma maior competitividade entre as empresas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A territorialização do capital agroindustrial na RMF, instiga a reflexão da política industrial Estatal quanto a desconcentração industrial, bem como, a análise do papel desenvolvido pela agroindústria de alimentos na produção do espaço metropolitano de Fortaleza.

O esforço de síntese na caracterização do atual processo de reestruturação e a análise do capital agroindustrial na RMF, longe de apresentar o território como mero receptáculo de um setor produtivo, revela a inserção de municípios como produto, condição e meio para a reprodução do capital agroindustrial que se materializa nestes, com mudanças significativas tanto no que se refere ao modo de vida da população, quanto traz todo um rearranjo no território.

A atual gestão Estatal ao privilegiar alguns municípios na atração do capital privado nacional e transnacional, inserindo novos território no circuito da produção agroindustrial tem consequência, dentre outras coisas, no papel desempenhado por estas cidades na dinâmica campo-cidade, mesmo que isto ocorra sob o comando da metrópole de Fortaleza.

O quantitativo de agroindústrias que encontramos durante o trabalho de campo nos municípios que compõem a RMF nos faz afirmar que está ocorrendo uma difusão do capital agroindustrial para além da capital, reforçando a metropolização agroindustrial em curso, não somente pela presença das agroindústrias nas cidades que compõe a RMF, mas isto ocorre, sobretudo, por serem os municípios da RMF territórios da produção e reprodução no processo de acumulação do capital.

Ademais, o investimento agroindustrial no espaço urbano além de impulsionar o processo de metropolização de Fortaleza e a consequente expansão de sua interlândia favorece o surgimento de novas centralidades, ou seja, este estudo revelou tendência à uma maior articulação e integração entre os municípios do espaço metropolitano, embora se necessite mais do que investimentos isolados, mas que se considere no conjunto metropolitano, ações planejadas voltadas para as particularidades dos municípios da RMF, considerando a formação e estrutura econômica e socioespacial metropolitana. Concluímos que os estudos da agroindústria alimentar na região metropolitana são essenciais na compreensão da dinâmica da economia urbana e metropolitana de Fortaleza diante dos investimentos em curso voltados ao agronegócio.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Giovanni. Dimensões da globalização: o capital e suas contradições. Londrina: Práxis, 2001.
- ARAÚJO, Massilon J. Fundamentos de Agronegócios. 2. ed. São Paulo: Atlas 2007. Disponível em: <<http://catagronegocio.weebly.com/uploads/1/17/7/3/11739052/39500879-fundamentos-de-agronegocios.pdf>> Acesso em: 18 mai. 2018.
- BELIK, Walter. Agroindústria processadora e política econômica. 1992. 219 f. Tese (Doutorado) - Curso de Economia, Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/286545>>. Acesso em: 17 maio 2018.
- BENKO, Georges. Economia espaço e globalização na aurora do século XXI. São Paulo: Hucitec, 1999.
- Carlos Lourenço, J.:(2010). Logística agroindustrial: desafios para o Brasil na primeira década do século XXI, Edición electrónica gratuita. Texto completo em: www.eumed.net/libros/2010d/794/
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Região e Organização Espacial. São Paulo: Ática, 1995.
- DORIGHELLO, Cristiane Luvizotto. Gestão econômica em agribusiness. Piracicaba: UNIMEP, 2003.
- DRUCK, Maria da Graça. Terceirização (des) Fordizando a Fábrica. Salvador – BA, Edufa, 1995.
- ELIAS, Denise. A Região Metropolitana de Fortaleza como recorte espacial para estudos sobre o agronegócio: questões de método e metodologia. *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 40, n. 1, p. 1–28, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/bgg.v40i01.63448>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/63448>. Acesso em: 7 maio 2025.
- ELIAS, Denise. Agroindústria alimentar: epicentro do agronegócio no Estado do Ceará (Brasil). *Confins*, Paris, n. 48, p. 1–24, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/27877>. Acesso em: 7 maio 2025.

- ELIAS, Denise. Consumo produtivo e urbanização no Brasil: as cidades do agronegócio. *Ciência Geográfica*, Bauru, v. 26, n. 2, p. 1003–1019, jan./dez. 2022. Disponível em: https://agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXXVI_2/agb_xxvi_2_web/agb_xxvi_2-completa.pdf. Acesso em: 7 maio 2025.
- ELIAS, Denise; MUNIZ, Alessandra Maria Vieira; BEZERRA, Juscelino. Agronegócio e reorganização das relações de trabalho agrícola no Baixo Jaguaribe (CE). *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 38, p. 32–47, 2007.
- GOMES, Maria Terezinha Serafim. O Debate sobre a Reestruturação Produtiva no Brasil. *RA'EGA* (2011), p.51-57. Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR.
- GOTTDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. São Paulo: EDUSP, 1993.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Regiões de Influência das Cidades – Regic 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- IANNI, Octávio. A era do globalismo. 3º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- LEITÃO, Felipe Rodrigues. O agronegócio globalizado na Região Metropolitana de Fortaleza - Ceará. 2021. 235 f. Dissertação – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.
- LENCIONI, Sandra. Reestruturação: uma noção fundamental para os estudos transformações e dinâmicas metropolitanas. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. VI, Buenos Aires, Universidade de Buenos Aires, 1998b, p.1-10.
- _____. Mudanças na metrópole de São Paulo (Brasil) e Transformações industriais. *Revista do Departamento de Geografia*, n.12, p.27-42, p. 1998.
- MENDES, Marília. Metropolização e Indústria: Maranguape no Contexto da Região Metropolitana de Fortaleza. Dissertação – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2006.
- MULLER, Geraldo. Complexo agroindustrial e modernização agrária. São Paulo: Hucitec: educ. 1989. (coleção Estudos Rurais).
- MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. Economia urbana e mercado de trabalho em Fortaleza no contexto de pandemia da Covid-19. In: PEREIRA, Alexandre; COSTA, Clélia (org.). Reforma urbana e direito à cidade. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.
- MUNIZ, Alessandra Maria Vieira; SILVA, José Borzacchiello; COSTA, Maria Clélia Lustosa; SILVA, R. M.; CABRAL, J. M. T. Economia urbana e mercado de trabalho na Região Metropolitana de Fortaleza. In: RIBEIRO, Marcelo Gomes; CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda (org.). Economia urbana e mercado de trabalho na Região Metropolitana de Fortaleza. Rio de Janeiro: IPPUR, 2020. v. 1, p. 30-55.
- MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. Reestruturação produtiva, agroindústria e as transformações no espaço metropolitano de Fortaleza. In: SEMINÁRIO DO OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2018, Rio de Janeiro. Seminário Nacional do Observatório das Metrópoles. Rio de Janeiro: INCT, 2018. v. 1, p. 151.
- MUNIZ, Alessandra Maria Vieira; BORZACCHIELLO DA SILVA, José; SANTOS FERNANDES, Jefferson. Impactos da Covid-19 no mercado de trabalho metropolitano de Fortaleza no contexto de inflexão neoliberal. *Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)*, Sobral, 2022.
- MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. Produção do espaço metropolitano de Fortaleza e a dinâmica industrial. *Revista Mercator*, Fortaleza, v. 14, n. 3, p. 61-74, set./dez. 2015.
- MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. Reestruturação produtiva industrial e as consequências sociais e espaciais. *Revista Espaço e Economia*, Rio de Janeiro, 2019.
- MUNIZ, Alessandra Maria Vieira. *A dinâmica da indústria têxtil no espaço metropolitano de Fortaleza*. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- SANTOS, Milton. *Metamorfose do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

- _____. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 9ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SENE, Eustáquio de. Globalização e Espaço Geográfico. São Paulo: Contexto, 2004.
- SINGER, Paul. Globalização e desemprego: Diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998.
- SILVA, José Graziano da. O que é questão agrária. 18ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos).
- SOJA, Edward. Geografias Pós-Modernas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993.